

# ANGEL VIANNA - QUE NOME TEM VOCÊ EM MIM.

Thereza Feitosa<sup>1</sup>

FAV, programa de pós-graduação

## RESUMO | ABSTRACT

---

O presente ensaio traz evocações e reflexões a partir de experiências que a autora fez como aluna de Angel Vianna, desde meados dos anos 70, e segue fazendo como professora em sua escola, a Escola e Faculdade Angel Vianna, no Rio de Janeiro. O vento, o ar, um deserto fértil, músicas, palavras ouvidas em sala de aula, imagens pesquisadas na internet ou vistas em um filme feito em homenagem a Angel são evocados gerando reflexões. Alguns nomes são lembrados.

**Palavras-chave:** memória, visão, corpo, movimento, observação.

This essay brings evocations and reflections from experiences that the author has had as a student of Angel Vianna since the mid-70s and continues to do so as a teacher at her school, Escola e Faculdade Angel Vianna, in Rio de Janeiro. The wind, the air, a fertile desert, music, words heard in the classroom, images researched on the internet or seen in a film made in honor of Angel are evoked generating reflections. Some names are remembered.

**Keywords:** memory, vision, body, movement, observation.

---

Rio de Janeiro, verão de 1975. “Vestibular, passei no vestibular...”, digito ouvindo internamente a frase cantada na voz de Zeca Pagodinho. Amigos novos, idas diárias à ilha do Fundão, à FAU - UFRJ. O ônibus Bananal saía do Centro, ali perto dos Ministérios da Fazenda e do Trabalho. Memórias... memórias boas!

Um dia, chegando em casa, vinda da faculdade, minha mãe se aproxima de mim com um jornal, o JB (Jornal do Brasil), em mãos: - Olha essa escola que abriu no Rio, me diz ela, me entregando o caderno B do JB. Você passou o ano sentada, estudando - continua ela - está precisando se mexer.

Pego o jornal e leio. A matéria fala da abertura do... em dúvida quanto ao nome exato do espaço aberto, interrompo (em 2022) essa escrita para pesquisar.

---

<sup>1</sup> Eutonista, Fisioterapeuta, Fasciaterapeuta pelo método Danis Bois, Especialista em Metodologia Angel Vianna, Mestre em Psicologia. Profissional ativa através de atendimentos individuais e de aulas em grupo presenciais e online. Coordenadora do curso de Pós-graduação em Conscientização do Movimento e Jogos Corporais - Metodologia Angel Vianna / MAV pelo ppg da FAV. Formadora de novos e novas eutonistas pelo IBE. Pesquisadora tendendo a incansável do corpo, do movimento e da palavra.

Quanta riqueza! Leio que Angel abriu sua primeira escola, a Escola Klauss Vianna, em Minas Gerais, no ano em que nasci - 1956. A matéria do caderno B se refere à segunda escola aberta por Angel, juntamente com Klauss e Teresa D'Aquino, no Rio de Janeiro, o Centro de Pesquisa Corporal, Arte e Educação, em 1975. Estava eu caloura no curso de Arquitetura da UFRJ. Às segundas, quartas e sextas, vinda do Fundão, eu fazia as aulas de Expressão Corporal, às 17:30, em Botafogo, na escola à Rua General Góes Monteiro, com Angel.

O amor faz a gente ver. Fui levada a este lugar pela visão amorosa de minha mãe - que acatei - de que eu estava precisando me mexer. Passado algum tempo, minha turma pediu a Angel que criasse um grupo fechado, um grupo de formação, pois queríamos aprender o seu trabalho, de Angel, Klauss e Teresa D'Aquino. Outras aulas foram incluídas: Anatomia, aulas de voz... Em Música, com a professora Vera Terra, tão inspiradíssima quanto queridíssima, trabalhávamos ritmo, com tambores, atabaques... comprei para mim um bongô e ficava horas pesquisando pulsos, ritmos, acentos fortes, subdivisões... acessando, pelo fazer, as correspondências... os espaços compostos por silêncios e sons. No segundo ano, trabalhamos com sons a partir da água, em baldes, bacias e garrafas. Chegamos a montar uma apresentação, com figurino, iluminação... na sala maior da escola. Da água, passamos ao ar, ao sopro, trabalhando com a flauta doce e, por último, chegamos a cantar. Memórias... doce é lembrar! Fazíamos algumas aulas na escola de Musicoterapia, no Centro do Rio, dirigida por Cecília Conde. Havia uma disciplina na EAV - Escola de Arte Visuais, no Parque Lage, era uma oficina de criação de bonecos. Essa, não frequentei, às voltas que eu estava com minha primeira filha, recém-nascida. Essas lembranças me conectam com visões de Angel, com as coisas que ela escolhia para compor o que percebia ser uma boa formação para profissionais do corpo e do movimento. As escolhas de Angel - que ela não fazia sozinha, mas na companhia de Klauss e também de Teresa - me faziam sentir à vontade, pois compunham um espaço onde coexistiam tanto a Ciência quanto a Arte - coisas que, desde criança, me parecia estranho pretendermos separar - na intenção de oferecer aos alunos e às alunas um ambiente multifacetado onde houvesse respeito ao processo de aprendizado de cada um e de cada uma.

"O que é um corpo?

Um corpo que pensa

Um corpo que sente

Um corpo que é um instrumento da sua própria vida.

O corpo de cada um

É um corpo de cada um  
Que é único  
E é especial.  
Não existe mais outra coisa na minha cabeça  
Sou uma apaixonada pelo corpo  
Pelo ser humano  
É a coisa que eu acho mais importante."

Peço desculpas por minhas ações indisciplinadas como pesquisadora. Lembro que foi procurando no Youtube que encontrei, em um vídeo com Angel, as palavras acima saindo-lhe pela boca. Na hora, não registrei a referência e, até então, não consegui localizar. Leio e releio e não consigo retirar do corpo do texto. Pela honestidade, pela constância, pelas coisas que ela junta aqui: corpo que pensa, que sente, que é um instrumento de vida. E cada ser vivente tem um. E tudo aí cabe, não havendo espaço para outra coisa. Tudo cabendo no espaço da cabeça apaixonada, conectada ao coração.

Em 1983, Angel abre o Espaço Novo, Centro de Estudos do Movimento e Artes, hoje conhecido como Escola Angel Vianna. Angel criou o curso técnico de bailarino, em seguida a Faculdade Angel Vianna, de Dança e, posteriormente, seu programa de Pós-graduação Lato Sensu que, em sua gama de cursos, inclui o de Conscientização do Movimento e Jogos Corporais - Metodologia Angel Vianna / MAV. Atualmente, a primeira turma de Mestrado está em curso.

O elenco de disciplinas do Curso da Pós em MAV organiza-se em torno de uma disciplina chamada MTCAV - Memória do Trabalho Corporal de Angel Vianna. Esta disciplina, tão específica, é conduzida por 06 (seis) professores: Ilka Nazareth, Letícia Teixeira, Márcia Feijó, Alexandre Bhering, Paulo Trajano e eu. Por que tantos? Esperamos que seja um número suficiente de condutores de uma "mesma aula" que permita à turma de alunos e alunas perceber que, em área alguma de saber se avança, formando repetidores. Na base do trabalho encontra-se a potencialidade criativa de cada ser humano que se alimenta, inclusive, da observação do fazer de outros, transformando-o, passando o que se vê, o que se cheira, o que se ouve, pelas próprias tripas (quando se tem fome) e tornando-o seu, de cada um, de cada uma, para que seja entregue a novos alunos e a novas alunas, em novos espaços nas salas de aula. No último módulo deste curso, cada aluno e cada aluna dá uma aula à sua própria turma. É quando temos oportunidade de confirmar se o processo de formação de não repetidores aconteceu. E de observar como está se dando a integração dos saberes que

se trazia ao iniciar o curso - quais foram deixados para trás, quais permanecem plenos em sentido, quais (embora não totalmente) permanecem fazendo sentido - com o que se aprendeu no percurso da Pós em MAV. Nesta etapa, é muito importante encontrarmos as palavras que expressem o encorajamento necessário para a continuidade do caminho escolhido ao se ingressar em um curso como este. Palavras que comuniquem um aparente paradoxo: a proposta de aprendizagem de um certo trabalho foi concluída mas a (trans)formação de cada um e de cada uma continua. Morremos e continuamos nos transformando nas memórias de quem nos amou.

Estamos em setembro de 2022. Em 2018, ou seja, bem antes da pandemia, que ganhou espaço na mídia no Brasil em março de 2020, fui procurada, assim como outros ex-alunos de Angel, por Sandra Seixas, cineasta, que me apresentou seu projeto de fazer um filme em homenagem a Angel. Sandra queria fazê-lo filmando cada um e cada uma de nós, em movimento - entrevistas em forma de movimentos, penso agora. No início da pandemia, passei sete meses na roça, na região serrana do Rio de Janeiro, com uma de minhas filhas e dois de meus netos. Lá, mantive um hábito antigo, que me dá muito gosto, de caminhar diariamente. Há vários anos que me interessa pelo exercício físico sensivelmente feito. Caminhar ao redor da Lagoa Rodrigo de Freitas, no Rio, dando-me conta do exercício de caminhar como experiência sensorial, há muitos anos me interessa como prática corporal atraente e restauradora ou mantenedora de um equilíbrio corporal. Interessa-me a fisiologia do exercício sensivelmente realizado onde, a cada passo, se revela o encontro entre a planta de um dos pés e o chão. Caminhando em volta da lagoa, terreno em sua maior parte plano, contando com pequenos aclives e declives e uns poucos mais acentuados, que divertido deixar-se levar nos discretos declives! E que rico observar as variações discretas de demanda ao corpo nos pequenos aclives! De um lado, o espelho d'água, atraente, revelador da luminosidade daquela hora do dia; do outro lado, o trânsito, também revelador, por sua intensidade, da hora do dia, da época do ano. Variações no cheiro de gasolina, na sonoridade das buzinas...

Esta semana, recebi o link para ver o filme que Sandra Seixas gravou, que ela nomeou "Que nome tem você em mim". Gente, será que estou lembrando certo do nome do filme? Vou conferir. Ah sim! Não foi bem isso, foi isso de outra maneira: "Onde mora você em mim".

Vejo mais uma vez. Angel passando batom, se olhando em um espelhinho. Angel de perfil. Vejo o contorno de seu rosto, o nariz aquilino, força e determinação. Lembro sua ascendência libanesa. "Observem, minha gente, observem". Angel dando aula. Doce Angel. Em vezes, conduzindo firmemente seus alunos, em outras, sua voz sai cantada, cantando... "Novas maneiras... novas maneiras..."

“Agora então, aproveita e apoia no ar”

Deixar-se respirar. Saber que estou em um mar de ar, trocando ar.

“Nossa pele é liberadora de tensões. Se você aperta, você não tem possibilidade de expansão.”

Aperto, para mim, é quando alguém está ocupando menos espaço do que necessita, quando está se sentindo menor do que é, realmente. E o que nos faz ficar / morar / estar de nosso tamanho, nesse corpo que é “infinito com pele”, como me definiu um amigo médico, Rafael Vergara, um médico amigo?

Lembro palavras de Angel, em uma mesa de debates, em uma jornada de Eutonia em um Sesc em São Paulo, comemorando o centenário de Gerda Alexander. Angel dizendo que todo mundo tem, ao seu lado, à sua frente, atrás de si, as pessoas que tem de encontrar na vida.

Encontrar essas pessoas, as que se tem que encontrar, nos desaperta. O corretor de texto me propõe “desperta”. Também, é verdade. Tais encontros vão nos desapertando e nos ajudam a ver nossos detalhes.

“Veja o quanto o ar pode te ajudar... deixa ele entrar... se tem buraco, melhor ainda, ele entra!”

Verdade. A não ser quando estamos no deserto e o ar, movido em vento tempestade de areia, quer entrar. Nessas horas, só mesmo matando nossos camelos e extraindo-lhes as vísceras, criando espaço para aí nos abrigarmos, em seu espaço interior recém esvaziado. Assim nos protegemos da “tempestade de areia vidrenta e quente, machucando o rosto, entrando olhos e ouvidos a dentro”, nas palavras do Dom, o Hélder Câmara, guerreiro do deserto, em seu belo e franzino livro *O Deserto é Fértil*, nome lindo, não? O deserto é fértil... essa frase me leva... me faz ir...

“Detalhes... Lembra? Nosso corpo é uma tota... é inteiro. Agora, para chegar a inteiro, é preciso estar observando os detalhes.”

O micro. A criança que ama olhar pequeníssimos insetos, pequenos detalhes em folhas assim de pequenas... que traz para presentear o avô, que vê a imensidão das estrelas nos olhos curiosos do neto e interrompe o que está fazendo, se abaixa, se levanta para buscar uma lupa e de novo se abaixa mirando seus minúsculos presentes e se encanta e se deixa levar. Corpo que pensa e que sente e que cada um tem um. Neto tem um, avô tem um e tudo aí cabe, só havendo espaço para que o amor flua... avô ama neto que ama inseto que ama folhinha que ama ser vista através da lupa que ama...

Era uma vez, era um dia, tão longe e tão perto daqui, estava eu fazendo aula com Angel e vivi, pela primeira vez, uma qualidade de movimento muito

específica, especial: extremamente leve, vindo de um lugar que mora bem dentro de mim. Terminada a aula, Angel se aproximou de mim e disse que não havia me tocado nenhuma vez durante aquela aula, porque eu estava trabalhando muito bem. Sua confirmação me deu ciência de um detalhe muito importante (nas ações) entre humanos: ações invisíveis podem ser vistas. Essa referência - sim, as coisas invisíveis podem ser vistas - segue ativa em mim. Se faz presente, muitas vezes, me acompanhando em minhas encruzilhadas, em minhas escolhas, que se fazem mais visíveis em mim, à luz dessa coisa vivida, quando as palavras de uma professora me confirmaram que eu havia sido vista.

Obrigada, Angel,

Obrigada, Maria Ângela Abras Vianna,

Obrigada, Angel Vianna,

Você mora em mim, em meu coração.

## REFERÊNCIAS

CÂMARA, Dom Hélder. O Deserto é fértil - Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977.